

NOSSOS MESTRES

Ensino com a cara do Brasil

Pai e filho, Reco do Bandolim e Henrique Neto estão à frente da pioneira Escola de Choro Brasileira e são responsáveis pela formação de centenas de músicos

» MARIANA NIEDERAUER

A essência do Brasil está impressa nas notas do choro, patrimônio cultural do país. O título faz jus ao trabalho de diversos artistas e promotores da cultura. Henrique Filho, o Reco do Bandolim, aceitou há quase 30 anos o desafio de retomar as atividades do Clube do Choro de Brasília. Depois, fundou a primeira escola de choro do Brasil, aqui na capital, e encontrou na parceria com o filho, o músico e mestre Henrique Neto, a sinfonia perfeita para tocar as atividades do Complexo Cultural do Choro.

Para Reco, seguir a herança profissional do pai depende de que haja uma admiração espontânea, mas pondera ser necessário também que, na construção dessa nova carreira, o filho sinta que tem espaço para inovar e mudar a rota, superando o modelo herdado do pai. “No caso da música, tem um agravante: se o filho não tiver talento, não vai para canto nenhum, não adianta”, completa.

Foi essa liberdade que ele concedeu e compartilhou com Henrique, que hoje é diretor da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello. “Ele deve ter espaço para errar, inclusive. Tomar decisões que ele achar que deve tomar. Eu penso que os filhos que assumem esse bastão com liberdade trazem inovações, inclusive tecnológicas”, avalia.

Reco conta que o interesse de Henrique pelo choro veio de forma natural. Certo dia ele chegou em casa e lá estava o pequeno, tocando o bandolim. O jovem confirma: “Acho que esse interesse veio muito de querer ser amigo, parceiro, ter uma coisa em comum com o pai, que é isso que o ser humano busca: a conexão com as pessoas que ele mais ama”.

Foi o começo do que depois se transformou numa escolha profissional. Henrique se formou em música pela Universidade de Brasília

Ed Alves CB/DA Press



Juntos, os músicos levaram o Complexo Cultural do Choro ao destaque internacional

(UnB) e escolheu como instrumento para se aperfeiçoar o violão de sete cordas. “Sou louco pelo sete cordas. Sempre gostei muito, mas nunca tive competência para tocar”, conta o pai, orgulhoso e cheio de modéstia.

O baque da pandemia

“Depois, ele foi para Portugal, fez o mestrado e chegou aqui no momento em que eu estava precisando de um socorro, porque eu toco de ouvido, e chegou a um ponto aqui na escola que eu, como comecei a ter contato com 26 professores e, muitos deles, formados, não me sentia em condições técnicas para lidar com eles como supervisor”, relata o patriarca.

O plano inicial era criar uma sucursal da Escola de Choro em Portugal, mas Henrique passava as férias no Brasil quando a pandemia de covid-19 começou, e ele precisou ficar. A necessidade acabou sendo providencial. A Escola de Choro enfrentou o seu período mais desafiador durante o distanciamento social e quase precisou fechar. Foi graças ao trabalho em sintonia entre pai e filho, a essa altura dois profissionais reconhecidos na música, que a pioneira instituição de ensino se manteve.

Mais do que dar continuidade ao legado do pai, Henrique inovou, consolidou e trouxe a renovação necessária para não só manter como também expandir a escola. É dele o *Manual do Choro*, que guia o projeto pedagógico da escola e já foi distribuído em mais de 20 países.

“O que cada pessoa vai buscando na música é contribuir com esse trabalho do Clube e da Escola do Choro com o que pode”, diz Henrique, exaltando as características de liderança, idealismo e iniciativa do pai. “Vendo no que eu poderia colaborar, decidi me especializar na parte musical e organizei a parte pedagógica. Hoje, a escola está crescendo, com cursos novos e